

CONTRASTES

Roberto Rodrigues*

Nas últimas semanas aconteceu uma interessante disputa entre uma importante Escola de samba do Grupo Especial do carnaval Carioca, a Imperatriz Leopoldinense, e várias destacadas lideranças do agro nacional, por causa (principalmente) do samba enredo da Escola.

A origem dessa controvérsia remonta a 2013, quando a famosa Escola de Samba Unidos de Vila Isabel venceu o concurso do carnaval carioca com um desfile enaltecendo a agricultura brasileira. O nome do samba enredo era bem sugestivo: "Vila canta Brasil, celeiro do mundo". Foi um desfile campeão maravilhoso, em uma bela manifestação urbana de apoio à atividade rural, ao homem do campo e ao compromisso brasileiro com a segurança alimentar planetária.

Na abertura do samba enredo havia a seguinte estrofe:

"Caminho da roça, e semear o grão...

Saciar a fome com a plantação

É a lida... Arar e cultivar o solo

Ver brotar o velho sonho

Alimentar o mundo, bem viver

A emoção vai florescer."

E mais à frente, o elogio do amanhã da terra:

"A terra é abençoada

Preciso investir, conhecer,

Progredir, partilhar, proteger."

É claro que a vitória da Vila Isabel foi compartilhada com alegria pelos produtores de todos os rincões do país.

Em 2015, outra Escola homenageou a agricultura familiar e, no ano passado, foi cantada em prosa e verso a música sertaneja do interiorzão brasileiro.

E agora, em 2017, a Imperatriz Leopoldinense vai trazer ao carnaval carioca uma outra visão com o samba-enredo "Xingu: o clamor da floresta", sobre a luta dos índios por terras.

Eis um trecho da letra do samba enredo:

"Na aldeia com flautas e maracas
Kuarup é festa, louvor em rituais
Na floresta... harmonia, a vida a brotar
Sinfonia de cores e cantos ao luar.
Jardim sagrado que o caraíba descobriu
Sangra o coração do meu Brasil
O belo monstro rouba as terras de seus filhos
Devora as matas e seca os rios
Tanta riqueza que a cobiça destruiu"...

E termina:

"Kararaô... kararaô... o índio luta pela sua terra
Da Imperatriz vem o seu grito de guerra!
Salve o verde do Xingu... a esperança
A semente do amanhã... herança
O clamor da natureza
A nossa voz vai ecoar... preservar"...

Duas visões diferentes, e é muito bom que seja assim, porque só da diversidade das opiniões e ideias é que surgem o conhecimento e a verdade. Por isso vale a pena lembrar que atualmente cerca de 13% de todo o território nacional pertence aos índios. E menos de 10% do território são ocupados por todas as plantas cultivadas no país produzindo mais de 210 milhões de toneladas de grãos, mais de 50 milhões de sacas de café, mais de 650 milhões de toneladas de cana, e mais frutas, flores, leguminosas, orgânicos, criando milhões de empregos diretos e indiretos, gerando riquezas, renda e excedentes exportáveis que salvam a economia brasileira e alimentam o mundo todo. Por outro lado, é notável o fato de que 61% do território nacional ainda são cobertos por florestas, enquanto esse percentual não chega a 2% na Europa.

Nada disso é contestado pela Imperatriz Leopoldinense. O "belo monstro" que a letra do samba cita é na verdade a hidrelétrica Belo Monte, segundo explicam dirigentes da Escola. Mas como há uma referência ao "caraíba" que descobriu a floresta e logo em seguida se fala de "tanta riqueza que a cobiça destruiu", fica a impressão de que a letra remete à cobiça do homem branco que desmatou para enriquecer em detrimento do índio. Foi essa associação de ideias que, com razão, irritou as lideranças rurais. E outro fato piorou o humor: no desfile haverá uma ala que vai apontar o uso "excessivo" de agrotóxicos pelos

agricultores. Nesse ponto já há um desvio semântico: os defensivos agrícolas ou agroquímicos (e não agrotóxicos) são os "remédios" da agropecuária, são usados para eliminar pragas e doenças que destroem plantas ou animais. Chamá-los de agrotóxicos é o mesmo que chamar um medicamento de humanotóxico. Os defensivos são necessários. O fato do Brasil ser o maior consumidor mundial de remédios na agricultura não é pecado: em primeiro lugar porque somos um país tropical, onde ocorrem muito mais enfermidades do que nos países frios; e em segundo lugar, fazemos até 3 safras por ano enquanto os nossos concorrentes do hemisfério norte precisam de montanhas de subsídios para fazer uma única safra anual. Portanto, o uso em si não é um problema. Problema seria o uso indevido ou em doses erradas, como, aliás, seria também o uso em doses exageradas de remédios pelas pessoas comuns. Mas como há uma recorrente atuação de organismos interessados em denegrir a imagem do nosso agro por medo da nossa competitividade, e o "apelido" agrotóxico é muito usado nesses movimentos, a tal ala realmente se identifica com acusação indevida, que a Escola afirma não querer fazer. Em suma, desencontros que acabam prestando um desserviço a ambos os lados.

O que realmente importa é a verdade dos fatos, e não a versão, e o contraste entre os sambas enredos da Vila Isabel e da Imperatriz serve para isso. Nem sempre o que a gente fala é o que a gente quis dizer, de modo que quando fica uma dúvida sobre o que se diz, é melhor explicar logo para não ficar a dúvida prevalecendo.

Não vai nisso nenhuma crítica à letra do samba enredo da Imperatriz Leopoldinense, mas apenas um chamado à realidade das coisas. O desconhecimento não é um pecado, como seriam a má fé ou o radicalismo ideológico.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**